

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

VIVIANE ALINE GOUVEIA

**A PEDAGOGIA COMO PRINCÍPIO DO DESENVOLVIMENTO DA
APRENDIZAGEM**

VOTUPORANGA - SP

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

VIVIANE ALINE GOUVEIA

**A PEDAGOGIA COMO PRINCÍPIO DO DESENVOLVIMENTO DA
APRENDIZAGEM**

Monografia Apresentada à Universidade Federal de
Uberlândia – Faculdade de Educação, Centro de
Educação a Distância, Polo de Votuporanga, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciado em Pedagogia

VOTUPORANGA - SP

2021

VIVIANE ALINE GOUVEIA

**A PEDAGOGIA COMO PRINCÍPIO DO DESENVOLVIMENTO DA
APRENDIZAGEM**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Uberlândia – Faculdade de Educação, Centro de Educação a Distância, Polo de Votuporanga, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.

Examinador:

Dr. Armindo Quillici Neto
Prof. Orientador

RESUMO

Este artigo discorre sobre a importância dos princípios pedagógicos estudados por alguns autores conceituados. Conhecer tais conceitos, além dos documentos normativos que regem o ensino no Brasil, pode melhorar a prática de qualquer pedagogo. Entender os direitos da criança, a importância do brincar, o trabalho com o lúdico e a forma construtivista de aprender da criança, fará com que o educador consiga aumentar os casos de sucesso nas aprendizagens importantes para a vida de muitos meninos e meninas. A alfabetização e o letramento provam esse conceito, pois não é preciso utilizar atividades escolarizadas para que a criança aprenda a ler e a escrever. O método que faz uso das aprendizagens que os pequenos já possuem de maneira lúdica, pode perfeitamente ensiná-los. Uma aprendizagem construída através de propostas corretas, baseadas na criança como centro do processo através de vivências significativas.

Palavras-chave: Alfabetização e Letramento, Brincar, Criança, Construtivista, Desenvolvimento.

ABSTRACT

This article discusses the importance of pedagogical principles studied by some renowned authors. Knowing these concepts, in addition to the normative documents that regulate teaching in Brazil, can improve the practice of any pedagogue. Understanding the child's rights, the importance of playing, working with play and the child's constructivist way of learning, will make the educator able to increase success stories in important learning experiences to the lives of many boys and girls. Literacy proves this concept, as it is not necessary to use school activities for the child to learn to read and write. The method that makes use of the learning that the little ones already have in a playful way, can perfectly teach them. Learning built through correct proposals, based on the child as the center of the process through significant experiences.

Key-words: Child, Constructivist, Development, Literacy, Play.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. ANTES DE TUDO, O BRINCAR.....	10
3. FUNÇÃO SOCIAL DA LEITURA E ESCRITA.....	12
4. CONCLUSÃO	16
REFERÊNCIAS	18

1. INTRODUÇÃO

A educação deve ser vista como uma prática social, uma atividade exclusiva dos indivíduos, posicionando-os dentro da história. Nas palavras de Saviani (1992), “Educação é um fenômeno próprio dos seres humanos, significa afirmar que ela é, ao mesmo tempo, uma exigência do e para o processo de trabalho, bem como é ela própria, um processo de trabalho”.

Atualmente, em um contexto educacional, é possível observar as mais diversas propostas e experiências. Elas demandam novas obras, reestruturação, investimento em formação continuada dos educadores, novas e diferentes formas de organização e de gestão, busca de novas maneiras para enfrentar os desafios provenientes da complexidade do mundo atual, inovadoras metodologias e formas de lidar com o complexo aluno que entra na escola. Enfim, propostas para uma escola que contribua para a realização sustentável da sociedade e do ser humano empático.

É fundamental admitir que a qualidade da educação implica qualidade para todos, em todas as dimensões da vida humana. Isso significa que a escola não pode ser prerrogativa de determinados grupos e nem pode limitar-se à meta quantitativa de aumentar o número de vagas. O trabalho da escola deve abranger diversas finalidades, associadas às seguintes dimensões:

- Cultural – abranger a pluralidade cultural dos diferentes grupos sociais e suas analogias entre si e com o mundo.
- Política e social – compreender a sociedade e participar no ambiente em que vivemos, desempenhando de modo pleno a cidadania, de modo consciente e consistente.
- Humanística – viver plenamente a qualidade de Ser Humano, sujeito da história, ressaltando o respeito, a tolerância e a solidariedade humana.

Na escola, a educação auxilia o desenvolvimento da identidade e da autonomia, que estão intimamente ligados com os processos de socialização. É durante as interações sociais que ocorre o aumento dos laços afetivos que os pequenos podem constituir com seus pares e com os adultos, colaborando para que a importância do outro e a constatação das diferenças entre as pessoas sejam estimadas e aproveitadas para o desenvolvimento de si mesmas.

Atualmente, o mundo está passando por algo já visto antes, porém, não com tanta intensidade. O isolamento social fez o mundo parar e de maneira introspectiva

refletir sobre os mais diversos assuntos. Agora o tempo existe, mas não existe o contato, a liberdade, a troca.

Ao refletir sobre princípios pedagógicos no Brasil não é possível deixar de citar a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que discorre sobre a importância de atrelar tais princípios aos direitos das crianças. Os princípios citados na Base difundem as Leis de Diretrizes e Bases em seu artigo 6^a.

Segundo a BNCC

As propostas pedagógicas de Educação Infantil devem respeitar os seguintes princípios:

I – Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades.

II – Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática.

III – Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais (BRASIL, 2009, p. 2).

Através deste documento então, na Educação Infantil, deve-se priorizar princípios que levem em consideração princípios vindos dos Direitos Humanos, que consideram a criança como cidadão de direito e político em seus direitos. Além disso, faz-se necessário compreender e garantir acesso à cultura que os meninos e meninas estão inseridos. Outro ponto importante a observar é a necessidade de oferecer as aprendizagens para os pequenos de maneira lúdica, isto é, desenvolver um olhar sensível ao brincar.

Dentro do contexto das chamadas “Cem linguagens da criança”, teoria observada pelo reconhecido estudioso Loris Malaguzzi, é possível reconhecer a necessidade da estética para a criança.

Segundo EDWARDS, GANDINI & FORMAN (2016)

A estética é um campo próspero de indagação escolar, e a demanda por cursos em estética iguala ou ultrapassa a demanda por quaisquer cursos de filosofia em muitas universidades (GAUT; LOPES. p.18).

Dentro do contexto conceitual, de inícios, suposições e finalidades, é perceptível a importância de se analisar alguns elementos que influenciam e são influenciados pela ação educativa da escola. Elementos como a cultura, o homem, a educação e a sociedade são indissociáveis no contexto escolar.

No decorrer deste artigo, a Alfabetização e o Letramento também serão observados através da ótica da aprendizagem lúdica, ideal na Educação Infantil.

Para validar tal afirmação, é necessário a priori compreender a mudança de paradigma que aconteceu durante os anos a respeito da concepção da criança e da Educação Infantil.

Ao iniciar o trabalho com a Educação Infantil é preciso, antes de mais nada, compreender e refletir as mais variadas óticas que norteiam essa fase do ser humano. Também se faz necessário conhecer a história da Educação Infantil e o porquê dos seus processos.

As ações lúdicas não devem partir de uma pedagogia vazia e escolarizada, mas sim de ações pensadas para cada grupo de alunos, pois, provavelmente, cada grupo será homogêneo em idade, mas heterogêneo em necessidades e especificidades pedagógicas.

WAJSKOP (2011) afirma que

Se a criança está imersa, desde o nascimento, em um contexto social que a identifica enquanto ser histórico e que pode por esta ser modificado, é importante superar as teses biológicas e etiológicas da brincadeira que idealizam a criança e suas possibilidades educacionais.

Assim, ao idealizar propostas voltadas aos pequenos, há de se partir do princípio de que os alunos carregam consigo direitos e conhecimentos que são só deles. Não se deve tratar a Educação nos dias atuais como apenas uma maneira de considerar o professor como o principal ator desta demanda, mas sim, a criança.

Deve partir da criança, o interesse no conteúdo que será oferecido de maneira lúdica, isto é, não escolarizado, tradicional e inerte. A pesquisa faz parte de um processo novo dentro do ambiente escolar, que é o conhecimento como consequência da ação, que não é cega, mas sim investigativa.

Para a criança, a prática anda de mãos dadas com a ação, rejeitando as teorias que afirmam momentos diferentes entre o brincar e o aprender. A aquisição de conhecimento requer do educador o incentivo ao protagonismo do aluno no ambiente escolar, colaboração entre os pares, entre as crianças e os adultos, além da participação da família e da comunidade.

2. ANTES DE TUDO, O BRINCAR

Ao pensar em Alfabetização e Letramento muitos profissionais esquecem da importância do brincar na Educação Infantil e que este possui grande importância no que diz respeito a criança.

O Brincar, muitas vezes, faz com que ela consiga organizar seus pensamentos, além evolução da parte motora, que também é treinada para ser utilizada no futuro para a escrita.

O ato de brincar como parte do processo educacional é quase tão antigo quanto a própria humanidade. Sua utilização como ferramenta educacional remonta a época em que a educação greco-romana ainda estava em seus primórdios.

Tal conclusão tem origem no pensamento de Platão e Aristóteles que associava o estudo ao prazer. Contudo, somente após o rompimento do pensamento romântico é que a educação infantil começou a dar o devido valor ao brincar.

Antes disso, a brincadeira era considerada apenas como recreação, fuga e o seu valor educacional não era reconhecido. Foram estudos de Comenius (1593), Rousseau (1712) e Pestalozzi (1746) que fizeram surgir a concepção de valorização e proteção da infância, auxiliando na conquista deste grupo de indivíduos como categoria social.

De acordo com WAJSKOP (2011)

Esta valorização, baseada em uma concepção idealista e protetora da infância, aparecia em propostas educativas dos sentidos, fazendo uso de brinquedos e centradas no divertimento.

A seguir, temos estudiosos pioneiros de sua época, Friedrich Fröebel (1782-1852), Maria Montessori (1870-1909) e Ovide Decroly (1871-1932), que romperam com a educação tradicionalista e verbal, dando grandes contribuições ao desenvolvimento da educação ao propor um modelo de educação sensorial. Tal modelo era baseado na utilização de jogos e materiais didáticos, propondo uma educação natural que crê nos instintos infantis.

Apesar de terem apresentado propostas diferentes, os trabalhos desses três autores convergem na concepção progressional e cumulativa do conhecimento, que se dá através da exploração empírica do conhecimento. Tais teorias continham estratégias de ensino que objetivavam a aprendizagem de noções de cor, forma,

tamanho, bem como o domínio de movimentos do corpo e de básicas funções de aprendizagem.

Seguindo a mesma perspectiva, a concepção fonética da língua tinha o entendimento de que esta era um código linguístico de comunicação, não de representação, sugerindo o uso de exercícios mecânicos de treino de memória, audição e visão.

Ao compreender o homem como um ser social (Wallon 1879-1962) e o brincar como um método de socialização (Huizinga 1872-1945), torna-se possível mensurar que, desde bebê, o homem, aqui descrito no masculino apenas como forma referente a ser humano, copia movimentos que os adultos fazem para ele.

Essa é uma brincadeira que desencadeia um método de socialização deste pequeno, assim, há de se constatar que essa brincadeira é um jogo de imitação, no qual as duas partes sentimentalmente criam uma conexão.

SOMMENHALDER e ALVES (2011) afirmam que

Isso nos remete à ideia de que o jogo é a produção da Cultura, ou seja, representa símbolos, signos, valores, hábitos e costumes, comportamentos e objetos produzidos pela sociedade, pela coletividade, antecedendo e transcendendo os indivíduos que dela fazem parte. O jogo traz consigo elementos de nossa identidade pessoal e coletiva. Assim como nós inventamos, criamos, transformamos e/ou reproduzimos uma infinidade de jogos e brincadeiras, também somos inventados, (re)criados, transformados por eles. Nesse sentido, o valor do jogo (assim como de outros elementos da cultura) para nossa aprendizagem e desenvolvimento é inestimável.

Um fato ocorrido no cotidiano da criança pode ser transportado para o mundo da imaginação e se tornar um jogo simbólico. O fato de representar de maneira simbólica as experiências que ela viveu permite que a criança acalme sua angústia de não saber, explorando o desconhecido, testando limites e vivendo situações em outra perspectiva. Isso faz com que a criança experimente, descubra, crie e recrie saberes e experiências sobre o mundo ao seu redor e sobre ela própria, espelhando sua vida real e transformando-a em sua vida imaginária.

O espaço imaginário criado na mente da criança permite que ela possa simbolizar, compreender experiências vividas na vida real. Ela brinca, testa limites, os ultrapassa, investiga o mundo dos adultos, faz questionamentos, tentando adquirir o saber que lhe permita ter o conhecimento sobre a vida dos adultos.

Ao iniciar o trabalho relacionado ao ser humano, especificamente aos bebês e às crianças, deve-se levar em consideração que esse termo se refere eventualmente

às funções que acedem o deslocamento e o movimento corpóreo. Assim, a capacidade de se locomover necessita de diversas aprendizagens anteriores a correr, saltar e até mesmo escrever.

Não é possível desmembrar o ser humano e enxergá-lo sob uma ótica irreal que separa a cabeça do corpo. Tudo deve ser levado em conta no trabalho com a Educação Infantil, aliás, em qualquer trabalho que envolva aprendizagem. Deve haver intencionalidade e esse é o papel do educador: pensar no que executar, como executar e baseado no que pretende trabalhar naquele momento. É um exercício político, pedagógico e ético.

3. FUNÇÃO SOCIAL DA LEITURA E ESCRITA

A escrita está imbuída na sociedade a fim de comunicar algo a alguém. Sendo assim, é uma forma de diálogo, contudo, existem normas e símbolos que formam essa escrita. Desse modo, o ser humano que acaba de nascer já é incutido neste ambiente letrado, pois recebe um nome e sobrenome, que são comunicados a todos oralmente e que, depois, são escritos na Certidão de Nascimento. Neste momento, então, os pais e todos a volta deste novo ser que vive em comunidade, de alguma maneira, inicia sua alfabetização e seu letramento.

Ler e escrever faz parte do dia a dia de qualquer pessoa que vive em comunidade, por isso é importante trabalhar com os pequenos a importância social que estas atividades carregam. Respeitar o momento da criança, sua escrita e leitura, mesmo que não convencionais, além de inseri-la em um ambiente letrado, fazem parte do trabalho realizado na Educação Infantil.

A Alfabetização e o Letramento vão além de copiar um texto da lousa de maneira correta e com uma letra consideravelmente agradável aos olhos adultos. Os processos devem levá-los a refletir, errar e encontrar soluções que, dentro da sua perspectiva, façam sentido para eles. É papel do professor observar o aluno para que possa estimular o conhecimento deste através de desafios que façam sentido e que levem a criança a pensar sobre a escrita, além criar um repertório com os mais diversos tipos de gêneros textuais.

Já é sabido que o ambiente e a convivência com outras crianças e adultos através da vida em comunidade (socialização) é o que forma uma grande parte dos

saberes dos alunos. A escola vem então, de acordo com o seu currículo e através de uma escuta atenta, transformar esse conhecimento de mundo prévio e que acontece fora do ambiente escolar, em saberes organizados e formais. Todo esse processo envolve maturação, desenvolvimento e aprendizagem.

A maturação, sob o ponto de vista neural, acontece em três vértices. A primeira é o plano morfológico (estrutural), que ocorre quando o corpo celular aumenta em volume e o citoplasma emite alongamentos até que a célula se torne madura. A segunda ocorre no plano bioquímico, onde os vários tipos de neurônios sintetizam moléculas, a fim de amadurecer todas as funções do cérebro. A terceira, por sua vez, acontece onde se encontra o plano funcional, que envolve as funções elétricas cerebrais para garantir e levar informações.

Segundo PINHEIRO (2007)

A especialização morfo-químico-funcional permite a formação de conexões entre neurônios ou entre neurônios e estruturas efetadoras (musculatura estriada, por exemplo). Estas conexões ou contatos por contiguidade (proximidade), denominam-se sinapses e permitem a passagem do impulso nervoso entre células.

O educador deve levar em conta que o cérebro infantil carrega uma grande quantidade de sinapses e que são estas que levam as crianças a aprender, pois somente o neurônio em seu estado legítimo não garante a aprendizagem. Aprender envolve processos cerebrais e a maturação deve ser levada em consideração ao propor uma proposta de atividade para os pequenos.

Em relação ao desenvolvimento durante a infância, é imprescindível que ocorra uma mescla de fatores que as levem a ampliar seus saberes e que envolvam, além da maturação cerebral já citada, a maturação biológica, o experimento com objetos, a socialização e a equilibração.

Quando a criança aprende a se comunicar, os aspectos sociais da linguagem começam se expandir, deixando-a então em um lugar de fala, controle e regulação sobre o outro. Mesmo a criança muito pequena, assim que aprende o valor da negativa da palavra, começa a usar o “não” para demandas que não deseja realizar. Neste momento a linguagem se transforma em pensamento, pois se torna um instrumento conveniente de ação que apenas aumentará de acordo com a maturidade deste menino ou menina.

À luz da perspectiva construtivista de Vygotsky, o desenvolvimento da aprendizagem surge através de um apoio que há de antemão, constituindo uma construção que demanda a participação da criança e dos que se relacionam com ela, tratando-se de procedimentos modulados pela cultura na qual estão inseridos.

Para Piaget, a epistemologia genética acontece a partir do nascimento. Ele acredita que o ser humano passa por estágios de desenvolvimento conhecidos como sensório, pré-operacional, operacional concreto e operacional formal.

Sensório motor é o estágio que acontece do nascimento até por volta dos dois anos e se caracteriza pela interação com o meio e pouca representação ou pensamento simbólico.

O estágio pré-operacional incide entre dois e sete anos e é quando surge o uso do raciocínio para resolver problemas, fase essa que utiliza os símbolos e a linguagem para se expressar e desenvolve o egocentrismo e o jogo simbólico.

O próximo estágio é o operatório concreto, que ocorre dos sete aos onze anos e se caracteriza por ser um período no qual o uso da lógica pela criança fica mais evidente, fazendo com que esta consiga concluir suas ideias.

Por fim, o estágio operatório formal acontece a partir dos doze anos. Nesta fase o indivíduo consegue pensar de forma abstrata, usar a razão e a empatia para resolver problemas.

O educador então, pode aumentar o alcance do seu trabalho em relação às propostas trabalhadas com os alunos através da percepção da maturidade humana. Confundir o ato de copiar letras ou repeti-las como uma forma de alfabetização é equivocado, pois, antes de qualquer coisa, a criança precisa conhecer-se, escutar-se, ter oportunidade de troca com outros meninos e meninas, ser inserida no mundo letrado, aumentar seu repertório de leitura e escrita, entre outros.

Ao iniciar um trabalho de leitura com uma turma de crianças, o educador deve refletir sobre a real necessidade que leva o ser humano a precisar ler. Aprender a ler não pode ser somente um trabalho de decodificar símbolos escritos em um portador. Deve-se atribuir significado à leitura. Entender como a palavra é formada é importante, não se pode negar, mas entender o contexto das palavras no mundo deve ser, a priori um conceito importante a ser trabalhado em sala de aula.

FONSECA (2012) afirma que

É preciso compreender o que se lê e estabelecer relações com outros conhecimentos. Este é um processo que para cada pessoa é iniciado num momento diferente da vida e que não termina nunca! Ele depende do conhecimento que o sujeito já possui, da motivação que tem para aprender cada vez mais, das experiências leitoras propostas a ele, da motivação e da parceria daquele que ensina.

Muitas vezes aprende-se a realizar determinada tarefa observando alguém mais experiente fazendo-a, mesmo que o resultado não seja o mesmo, o processo, isto é, a tentativa e o erro, acabam estabelecendo uma semelhança.

Nesse momento, em muitos casos, o professor se torna o adulto modelo da criança em relação à leitura. Ele se torna um modelo a ser observado e copiado pela criança. Este adulto também é o facilitador de ocasiões de leitura, podendo se aproveitar de vários momentos para isso.

A leitura de um livro na sala de aula pode levar os alunos não só a pensarem sobre as regras de escrita desse texto, mas também sobre as características dessas histórias e como podem ou não se parecer com a vida cotidiana.

É equivocado ligar a aprendizagem da leitura e da escrita somente a atividades que se concentrem no alfabeto, pois é o contato das crianças com vários tipos de escrita e leitura que as levam a pensar no sistema de escrita de um modo geral.

Colocar a criança como ator principal da sua história é o que leva o professor a dar sentido ao que expõe seu aluno. Colocar os alunos em uma roda, questionar seus interesses, ouvir e partir dessas conversas para favorecer a aprendizagem.

Existem diversos exemplos de leituras que acontecem no dia a dia da criança e que podem ser trabalhados pelo professor, tais como receitas, leitura de livros em espaços diferentes (como biblioteca, pátio, jardim ou mesmo uma praça perto da escola), jornal, regras da sala, rotina do dia, placas e informativos de locais, leitura sobre animais ou outros assuntos que aconteçam durante uma pesquisa, ler uma história de um livro que já foi contada através de fantoches em outro momento. Podem ser usados também poesias, trava línguas, cordel e até mesmo instrução de como montar alguma coisa do interesse deles, entre outros.



Figura 1: Usar uma receita como apoio ao ensino de leitura e escrita para as crianças é apenas mais um exemplo dentre outros tão interessantes quanto.

4. CONCLUSÃO

Após o término do trabalho, com a revisão da bibliografia sobre o tema concluída, é possível afirmar que o processo de ensino-aprendizagem deve ser eficaz e que, ao mesmo tempo, deve ser prazeroso para os educadores e principalmente para os alunos, pois quando estes se sentem bem no ambiente escolar, os resultados são melhores e mais efetivos.

A utilização de brinquedos, jogos e brincadeiras, torna o ato de aprender divertido e eficiente, e as crianças, por mais que não tenham a real dimensão e não conheçam a profundidade das atividades lúdicas das quais fazem parte, estarão mais envolvidas e tudo ocorrerá de maneira leve, competente e plena.

Ao realizar um plano de aula dentro do contexto do trabalho a ser realizado na Educação Infantil, os mais variados aspectos devem ser levados em consideração, tais como maturidade, necessidade, curiosidade, cuidado, respeito, entre outros.

O trabalho com esses alunos deve acontecer de maneira holística e humanizada, a fim de não realizar propostas escolarizadas e sem sentido para as crianças.

Observar os documentos oficiais e autores renomados também pode auxiliar o trabalho, que deve ser todo voltado para que a criança seja a figura central do processo. Entender que a criança aprende enquanto se movimenta, questiona e deduz, facilita imensamente a reflexão do professor acerca da sua prática.

A criança é um ser completo e que aprende através da sua própria vida e experiências, contudo, cabe ao educador utilizá-las da melhor maneira possível.

Muitas crianças vêm para a escola de um ambiente letrado, onde seus pais leem histórias, cantam e brincam de trava-língua, por exemplo, porém, outros alunos não possuem a mesma vivência. Cabe a escola então, o trabalho de equiparar o grupo heterogêneo que forma a sala de aula, oportunizando propostas interessantes a todos.

As propostas citadas no texto são apenas algumas dentre tantas possíveis a serem realizadas na sala de aula na perspectiva da Educação Infantil. Mesmo que a criança não leia ou escreva de maneira convencional, tais propostas a levam a entender o sistema de escrita no qual está inserida.

O trabalho de letrar e alfabetizar uma criança vai muito além de ensinar seu nome, sendo muito mais importante formá-la como um ser humano atuante, capaz de se reconhecer no mundo com ator principal na sua própria história.

É encorajar, mediar conhecimento, propiciar propostas motivadoras e que os levem a resolver conflitos, refletir sobre o sistema de escrita como uma forma de se comunicar através de símbolos. Escrever é registrar a língua falada e ler é decodificar símbolos, mas pensar é conceber, refletir e julgar situações. Sendo assim, é muito importante que os dois conceitos sejam trabalhados sempre juntos - a Alfabetização e o Letramento.

Espera-se ainda que o artigo em questão contribua para que outras pessoas que estejam estudando sobre o assunto tema deste trabalho possam utilizá-lo como ponto de partida para suas pesquisas e que, após a etapa inicial de suas pesquisas, queiram e possam aprofundar seus estudos nesta importante fração da área da educação.

REFERÊNCIAS

- BNCC - Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>>. Acesso em: 03 de out de 2021.
- BASSEDAS, E.; HUGUET, T.; SOLÉ, I. Aprender e Ensinar na Educação Infantil. Porto Alegre: Editora Grupo A, 1999.
- CURRÍCULO PAULISTA. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. Disponível em: <<https://efape.educacao.sp.gov.br/curriculopaulista/>>. Acesso em 08 de out de 2021.
- EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Leila & FORMAN, Geoger. As Cem Linguagens da Criança – A Experiência de Reggio Emilia em Transformação. Porto Alegre: Penso, 2016.
- FONSECA, E. Interações: Com Olhos de Ler. São Paulo: Blucher, 2012.
- HUIZINGA, J. Homo Ludens – O Jogo como Elemento da Cultura. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- KISHIMOTO, T. M. Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação. São Paulo: Editora Cortez, 1997.
- KOLLER, S. H.; COUTO, M. C. P. P.; HOHENDORFF, J. V. Manual de Produção Científica. Porto Alegre: Penso Editora, 2014.
- PARREIRAS, N. Do Ventre Ao Colo, Do Som A Literatura. Belo Horizonte: Editora RHJ, 2012.
- SOMMERHALDER, A.; ALVES, F. D. Jogo e a Educação da Infância – Muito Prazer em Aprender. Curitiba: Editora CRV, 2011.
- VYGOTSKY, L. S. Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1991.
- WAJSKOP, G. Brincar na Pré-escola - Uma História que Se Repete. 9ª Edição. São Paulo: Cortez, 2011.